



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS-III
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
CURSO: GEOGRAFIA**

MÁRCIA MARIA BEZERRA

**Linha de pesquisa:
O Ensino da Geografia na Escola Fundamental Maria Eloi Leite**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL – UM OLHAR SOBRE
A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA ELOI LEITE–
LOGRADOURO/PB.**

Guarabira - PB

2014

MÁRCIA MARIA BEZERRA

Artigo apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Campus III, Guarabira – PB, tendo em vista a linha de pesquisa: O ensino da geografia na escola Fundamental. Em cumprimento aos requisitos básicos para a aquisição do grau de licenciado, sob orientação da Professora: Ms. Maria Juliana Leopoldino Vilar.

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574e Bezerra, Márcia Maria

O ensino de geografia no ensino fundamental - um olhar sobre a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Eloi Leite - Logradouro PB [manuscrito] : / Marcia Maria Bezerra. - 2014. 22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Maria Juliana Leopoldino Vilar, Departamento de Geografia".

1. Ensino-aprendizagem. 2. Formação Docente. 3. Geografia. I. Título.

21. ed. CDD 910

MÁRCIA MARIA BEZERRA

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL-UM OLHAR
SOBRE A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL MARIA ELOI
LEITE-LOGRADOURO-PB

Aprovado em 25 / 11 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Maria Juliana Leopoldino Vilar

Professora Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar- Orientador
Especialista em Gestão e Análise Ambiental – UEPB
Professora de departamento de Geografia – CH/UEPB

Monica de Fatima Guedes de Oliveira

Professora Me. Monica Fátima Guedes de Oliveira – Examinador
Mestre em Educação- UFPB
Professora de departamento de Educação – CH/UEPB

Junio Santos da Silva

Professor Esp. Junio Santos da Silva - Examinador
Graduado em Geografia
Especialista em Ciências Ambientais- FIP
Professor da Faculdade Evangélica Cristo Rei- FECR

GUARABIRA – PB
2014

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 POR QUE ESTUDAR GEOGRAFIA?.....	11
2.2 DESCRIÇÃO DA ESCOLA E.M.E.F. MARIA ELOI LEITE.....	16
2.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.....	18
2.4 O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA.....	19
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, fonte de vida, que me conduz todos os dias no seu amor e me faz acreditar num mundo mais justo, mais humano e mais fraterno, fé essa que me mantém em pé todos os dias da minha vida. Sem ele, não estaria aqui. Ao concluir este sonho, lembro-me de muitas pessoas a quem ressalto reconhecimento, pois, esta conquista concretiza-se com a contribuição de cada uma delas, seja direta ou indiretamente. No decorrer dos dias, vocês colocaram uma pitada de amor e esperança para que neste momento findasse essa etapa tão significativa para mim.

A todos da minha família, principalmente meus filhos Samanta Bezerra Alves e Ailton Lisboa Alves Jr que, de alguma forma, incentivaram-me na constante busca pelo conhecimento. Sou muito grata por tê-los presente em minha vida. Em especial aos meus pais por me apresentar a simplicidade e o gosto pela vida, inculcando valores sem os quais jamais teria me tornado pessoa, buscando de fato todos os dias, ser mais humana e sensível às necessidades dos outros.

Aos meus irmãos, Daniely Cunha Bezerra e Marcondes Cunha Bezerra, que são grande parte da minha fonte de forças nesta longa trajetória de vida, permanecendo sempre presentes na partilha de minhas conquistas e frustrações. Agradeço também a uma pessoa especial pela força e motivação, permeadas de diálogos que manifestavam incentivos e conselhos que sem dúvida foram e serão imprescindíveis para minha vida pessoal e profissional.

A minha amiga Lucilene Crispim por me compreender, mas que sempre esteve por perto disposta a me ajudar, ouvindo minhas angústias e dividindo momentos alegres. Agradeço-os imensamente pela contribuição de cada um na minha formação. A todos os professores do curso, que fizeram parte diretamente desta minha trajetória acadêmica, pelos ensinamentos que instigaram e fomentaram minhas reflexões e utopias a respeito da Educação, no sentido de buscar a materialização de outro tipo de sociedade que, sobretudo, não abandone o pensamento reflexivo e contestador.

A minha professora orientadora Ms. Juliana Leopoldino Villar, pela aceitação do meu projeto e por me permitir discutir na graduação um tema que me instigava há algum tempo. Sua orientação segura e competente, seu estímulo constante e testemunho de seriedade, permitiram-me concretizar este estudo. Agradeço também pela compreensão de meus limites e ousadias, auxiliando-me com sua imensa sabedoria de forma imprescindível para a elaboração deste trabalho. Foram valiosas suas contribuições para o meu crescimento intelectual e pessoal.

Nesta hora de encerramento de uma etapa muito especial, em que a alegria por estar terminando se junta ao cansaço, torna-se difícil lembrar-me de todos os amigos e colegas que participaram comigo dessa jornada, mas de uma maneira muito sincera, agradeço a todos que de uma forma ou de outra colaboraram para a realização desse trabalho.

Meus sinceros agradecimentos!.

043- GEOGRAFIA

TÍTULO: O ensino de geografia no Ensino Fundamental – um olhar sobre a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Eloi Leite - Logradouro/PB.

LINHA DE PESQUISA: O Ensino da Geografia na Escola Fundamental Maria Eloi Leite

AUTORA: Márcia Maria Bezerra

ORIENTADORA: Prof^a.Ms.Juliana Leopoldino Vilar

EXAMINADORES: Prof^a.Ms. Mônica Fátima Guedes de Oliveira

Prof^o Esp. Junio Santos da Silva

RESUMO

O ensino de geografia ao longo do tempo no Brasil, sempre foi motivo de discussão e polêmicas. As questões levantadas principalmente no ambiente escolar sobre a verdadeira função do componente curricular e sua devida importância, sempre foram temas de debates calorosos. A forma como a própria Geografia tem sido apresentada aos alunos, tem deixado muito a desejar. Novos olhares e uma política de reconstrução deste conhecimento devem ser debatidas e colocadas em prática, *in locu*, na sala de aula. A presente pesquisa surgiu da necessidade de compreender melhor a estrutura da geografia que é ensinada em sala de aula. Compreender como se desperta o interesse do educando no componente curricular Geografia; investigar a possibilidade de contribuição do livro didático neste processo; entender até que ponto a boa ou má formação do profissional em geografia pode interferir neste ciclo de ensino – aprendizagem. O presente estudo tem como referenciais metodológicos, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e, por fim, a pesquisa empírica. Espera-se que através deste, muitos outros estudos seja realizada, provavelmente esta pesquisa constitua a sua maior importância para o ensino de Geografia.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, formação docente, geografia.

ABSTRACT

Teaching geography over time in Brazil has always been a matter of debate and controversy. The issues raised primarily in the school environment over the true function of the curricular component and its due importance, have always been topics of heated debate. The way the geography itself has been presented to students, has left much to be desired. New looks and a policy of reconstruction of knowledge should be discussed and put into practice in locus in the classroom. The present study arose from the need to better understand the structure of geography that is taught in the classroom. Understand how to awaken the interest of the student in the Geography curriculum component; investigate the possibility of contribution of the textbook in this process; understand the extent to which good or poor professional training in geography may interfere with this cycle of education - learning. This study will methodological references, bibliographical research, documentary research and, ultimately, empirical research. It is hoped that through this, many studies are conducted; this survey probably constitutes his most importance to the teaching of Geography.

Keywords: teaching - learning, teacher training, geography.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia ao longo do tempo no Brasil, sempre foi motivo de discussão e polêmicas. As questões levantadas principalmente no ambiente escolar sobre a verdadeira função do componente curricular e sua devida importância, sempre foram temas de debates calorosos.

A função precípua da escola, especialmente nas séries iniciais, seria proporcionar ao aprendente o acesso à leitura, escrita e matemática, logo, as outras matérias passam a ser tidas como de segundo escalão, ou algo parecido. A forma como a própria Geografia tem sido apresentada aos alunos, tem deixado muito a desejar. Novos olhares e uma política de reconstrução deste conhecimento devem ser debatidos e postos em prática, *in lócus*, na sala de aula, é necessário que esta pesquisa chegue onde mais se precisa dela, no ambiente escolar.

A presente pesquisa surgiu da necessidade de compreender melhor forma da Geografia que é ensinada em sala de aula, que é posta em livros didáticos que em muitas das vezes não condizem com a realidade do educando. O que justifica o fato de muitos acharem que a Geografia é uma matéria desnecessária e sem graça. A modernidade, a introdução de novas tecnologias em sala de aula e fora desta, também são fatores importantes que têm contribuído para a dispersão da disciplina.

Este trabalho se debruça sobre a tríade, ensinar/aprender/compartilhar, ou melhor, o ensino de geografia – a formação do profissional – a apreensão do conteúdo pelos alunos. Acredita-se que a principal função do transmitir conhecimento, seria a aplicação deste na vida real, pensando nisto e como se dá este processo, é que se formula o seguinte questionamento:

Compreender como se dá o despertar o interesse do educando no componente curricular Geografia; investigar a possibilidade de contribuição do livro didático neste processo; entender até que ponto a boa ou má formação do profissional em Geografia pode interferir neste ciclo de ensino – aprendizagem. Alguns pontos merecem destaque:

- Investigar a interferência da formação profissional do professor de Geografia no processo de ensino – aprendizagem;
- Aferir a contribuição do livro didático no processo de ensino – aprendizagem;
- Avaliar a apreensão deste, por parte dos alunos e professores;
- Compreender o despertar de interesses dos educando no componente curricular Geografia.

Entender a Geografia didática em um ambiente moderno e dotado de alta tecnologia pensar absurdo. Muitas das vezes que a criança que mora na região Norte do país, é obrigada a

estudar a Geografia socioeconômica e política de outra região, que não condiz com sua realidade.

Desta forma, pode ser percebido o quanto este trabalho vai certamente contribuir para a luz desta problemática, afinal, discutir os novos rumos da geografia, a forma como esta tem sido apreendida pelos estudantes e como tem se dado a formação do professor de geografia, são temas de universo inesgotáveis, portanto, esta pesquisa, não se encerra em si mesma, pelo contrário, servirá como esteio para novas pesquisas, novos olhares e pontos de vistas.

Esta pesquisa foi realizada com base nas observações realizadas na escola na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Elói Leite (E.M.E.F.M.E.L), do município de Logradouro-PB. A mesma foi desenvolvida com crianças do ensino Fundamental I, com idade média entre 11 a 13 anos.

O presente estudo terá como referenciais metodológicos, a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e, por fim, a pesquisa empírica. A pesquisa bibliográfica consistirá no estudo das teorias em Educação, a experiência em alfabetização de adultos, em reflexões sobre alfabetização, entre outros, possibilitando, assim, um conhecimento teórico que servirá como alicerce para a fundamentação de conceitos que envolvam a prática educativa EJA¹ de jovens e adultos.

O desenvolvimento da pesquisa consistirá na leitura de autores que desenvolveram pesquisas que perpassam a temática em estudo, a fim de embasar teoricamente toda a pesquisa. A pesquisa documental analisou a implementação, a regularização e as reformas legais que ocorreram ao longo da história do ensino de geografia, bem como a exposição do histórico da escola campo onde foi realizado este estudo.

Essa modalidade de pesquisa permitirá a análise e documentos que se constituem de dados ricos e estáveis, podendo ser obtidos sem um contato direto com o sujeito da pesquisa.

Na pesquisa empírica foram realizadas observações em sala de aula, durante o processo ensino-aprendizagem, com educando participando da pesquisa, não foi utilizado questionário, em razão de fatores que fogem à competência desse estudo.

¹ Educação de Jovens e Adultos

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 POR QUE ESTUDAR GEOGRAFIA?

A Geografia se desenvolveu sob aspectos particulares de acordo com a necessidade do lugar, a exemplo da disputa que ocorreu entre Alemanha e França. Em decorrência da revolução burguesa, pois enquanto a Alemanha estava à luz do sistema feudal, a França muito antes fez a revolução e se tornou o berço do sistema capitalista. A revolução francesa foi liderada pela burguesia, que tomou consciência de seus interesses e lutou pela reestruturação do Estado.

Esta Geografia se encontra dividida nos textos de outros autores clássicos com o objetivo de se trabalhar em linguagem geral. Apenas em 1934, que o Brasil começa a criar universidades para formar professores, que inclui os de Geografia, até então vem de fora. Em seguida, surgem os autores com correntes de pensamentos diversas, a exemplo de Delgado de Carvalho, Aroldo Azevedo, entre outros, todos faziam parte da Geografia Moderna, porém cada um com suas particularidades trazidas de suas formações e influências.

A Geografia surge em oposição ao Estado, para criticar a forma como o modelo social, político e econômico está se desenvolvendo, a maneira de oprimir os cidadãos, a falta de diálogo, ou seja, a inúmeros problemas sociais. Vivia-se numa sociedade sem o respeito aos direitos e sem a democracia.

Embora a educação brasileira esteja passando por profundas mudanças, é possível afirmar que, mesmo profundas ainda são insuficientes para o nível que a sociedade atual exige, contudo são sem dúvida, significativas. Nessa conjuntura, a geografia, como componente curricular (tradicional) na escola básica, também se modifica, seja por força das políticas públicas (PCNs, por exemplo), seja por exigências da própria ciência.

Assim, pensar o papel da geografia na educação básica torna-se significativo, uma vez que se considera o todo desse nível de ensino e a presença de conteúdos e objetivos que envolvem, inclusive, as suas séries iniciais e a educação infantil. (CALLAI, 2005). Se o ensino de língua materna bem como o de produção textual tem deixado a desejar, a geografia enfrenta desafios ainda maiores.

Por muito tempo difundiu-se no Brasil a cultura de que a escola seria algo para os abastados, os filhos de trabalhadores deveriam apenas aprender o ofício de seus pais. Mais tarde esse conceito foi-se amoldando e dando lugar a um segundo, não tão ofensivo, mas sem dúvida alguma, nociva à liberdade de expressão, as crianças deveriam ser levadas à escola para aprender a ler (pouco), escrever (pouco) e contar (pouco), ou seja, apenas o ensino de

Língua Portuguesa e Matemática deveriam ser levados em consideração, pouco, mas apenas estes.

Artes, Geografia, História, Educação Física e tantas outras, eram, e por incrível que pareça, ainda é em muitos casos, consideradas como “matérias de segundo escalão”, um verdadeiro absurdo. Consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercer nossa cidadania.

Aprender a pensar o espaço para isso é necessário aprender a ler o espaço, “que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (CASTELAR, 2000, p. 30). Fazer essa leitura demanda uma série de condições, que podem ser resumidas na necessidade de se realizar uma alfabetização cartográfica, e esse “é um processo que se inicia quando a criança reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens” (idem, *ibid.*).

Para tanto, ela precisa saber olhar, observar, descrever, registrar e analisar. Como fazer isso? É certo que, da forma como a geografia tem sido tratada na escola tradicionalmente, ela não tem muito a contribuir. Aquela geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados.

Em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida, uma prática tradicional na Escola Fundamental, adotada nas aulas de estudos sociais.

Mas desenvolvida não apenas sob sua égide, é o estudo do meio considerando que se deve partir do próprio sujeito, estudando a criança particularmente, a sua vida, a sua família, a escola, a rua, o bairro, a cidade, e, assim, ir sucessivamente ampliando, espacialmente, aquilo que é o conteúdo a ser trabalhado.

São os Círculos Concêntricos, que se sucedem numa sequencia linear, do mais simples e próximo ao mais distante. Na realidade, esse procedimento constitui mais um problema do que uma solução, pois o mundo é extremamente complexo e, em sua dinamicidade, não acolhe os sujeitos em círculos que se ampliam sucessivamente do mais próximo para o mais distante.

Num mundo em que a informação é veloz e atinge a todos, em todos os lugares, no mesmo instante, não se podem fechar as possibilidades em um estudo a partir de círculos hierarquizados. Ainda com relação à velocidade da informação, deve-se considerar que não é à distância o que vai impedir ou retardar o acesso à informação, mas condições econômicas e/ou culturais, inscritas num processo social que exclui algumas (ou muitas) pessoas.

A superação dessa lógica de que a criança aprende por níveis hierarquizados – no caso do espaço, por níveis espaciais que vão se ampliando sucessivamente – requer o

estabelecimento, pelo menos, de uma clareza de termos. Não estamos considerando que o estudo do meio é inócuo e desligado da realidade.

Pelo contrário, ele pode constituir uma interessante possibilidade de ensino e aprendizagem. O que se está questionando é uma postura teórica que dá a referência, a forma de encaminhamento, postura que considera um espaço fragmentado e circular, o qual se amplia sucessivamente.

Partindo do “eu”, da família, cria-se uma proposição antropocêntrica – ou melhor, egocêntrica – ao redor do “eu”. O problema não é partir do “eu”, mas sim fragmentar os espaços que se sucedem e que passam a ser considerados isoladamente, como se tudo se explicasse naquele e por aquele lugar mesmo.

A dinâmica do mundo é dada por outros fatores. E o desafio é compreender o “eu” no mundo, considerando a sua complexidade atual. A referência teórica é buscada tanto na Geografia a qual considera que o espaço é socialmente construído pelo trabalho e pelas formas de vida dos homens.

Na Pedagogia qual considera que a aprendizagem é social e acontece na interlocução dos sujeitos (estejam eles presentes fisicamente, ocupando um espaço próximo, estejam eles distantes, mantendo contatos virtuais, ou sob a hegemonia de determinada condução política, econômica). Como superar o positivismo da Geografia e da educação, em um mundo que está mudado e continua mudando aceleradamente? O que seria possível fazer para engendrar uma nova forma de “ensinar o mundo”?

Se os estudos do meio, considerados a partir do princípio dos círculos concêntricos, não se mostram apropriados para fazer a leitura do espaço – que deveria conter a possibilidade de perceber o movimento, perceber a cotidianidade da vida dos vários sujeitos e a sua expressão por meio dos grupos de que participam, construindo o seu espaço – quais as alternativas possíveis? Quais os referenciais teóricos que nos permitiriam construir métodos de análise do espaço geográfico capazes de permitir que os alunos se reconheçam no interior desse espaço? E que se sintam efetivamente produzindo esse espaço? E, nesse sentido, quais as práticas sociais (em especial as escolares) que se apresentariam como eficazes?

A clareza teórico-metodológica é fundamental para que o professor possa contextualizar os seus saberes, os dos seus alunos, e os de todo o mundo à sua volta. E, no nível de ensino em que a criança está processando a sua alfabetização, o ideal seria que houvesse “uma unidade em que se supere a fragmentação das disciplinas e das responsabilidades, em práticas orientadas por e para linhas e eixos temáticos e conceituais interdisciplinares, não apenas uma justaposição de disciplinas enclausuradas em si mesmas,

mas de uma maneira que, em cada uma se impliquem as demais regiões do saber” (MARQUES, 1993). Como realizar a leitura da palavra por meio da leitura do mundo? E como fazer a leitura do mundo por meio da leitura da palavra? Esse pode ser o desafio para pensar um aprendizado da alfabetização que seja significativo?

Partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo. E pode-se dizer que isso nasce com a criança. Desde que a criança nasce, os seus contatos com o mundo, seja por intermédio da mãe, seja pelo esforço da própria criança, buscam a conquista de um espaço.

Um espaço que não é mais o ventre materno onde ela está protegida, mas um espaço amplo, cheio de desafios e variados obstáculos, e que, para ser conquistado, precisa ser conhecido e compreendido. E isso a criança vai fazendo, superando os desafios e ampliando cada vez mais a sua visão linear do mundo.

Quer dizer, em termos absolutos, ela consegue ir avançando a sua capacidade de reconhecimento e de percepção. Ao caminhar, correr, brincar, ela está interagindo com um espaço que é social, está ampliando o seu mundo e reconhecendo a complexidade dele. Ao chegar à escola, ela vai aprender a ler as palavras, mas qual o significado destas, se não forem para compreender mais e melhor o próprio mundo?

A par do prazer de saber ler a palavra e saber escrevê-la, podemos acrescentar o desafio de ter prazer em compreender o significado social da palavra – o que significa ler para além da palavra em si, percebendo o conteúdo social que ela traz, e, mais ainda, aprender a produzir o próprio pensamento que será expresso por meio da escrita. E se, quando se lê a palavra, lendo o mundo, está-se lendo o espaço, é possível produzir o próprio pensamento, fazendo a representação do espaço em que se vive. (CALLAI, 2005).

Compreender a escrita como o resultado do pensamento elaborado particularmente por cada pessoa é diferente de simplesmente escrever copiando. E aprender a representar o espaço é muito mais que simplesmente olhar um mapa, uma planta cartográfica. Saber como fazer a representação gráfica significa compreender que no percurso do processo da representação, ao se fazerem escolhas, definem-se as distorções. As formas de projeção cartográfica e o lugar de onde se olha o espaço para representar não são neutros, nem aleatórios. Trazem consigo limitações e, muitas vezes, interesses, que importa manter ou esconder.

O espaço não é neutro, e a noção de espaço que a criança desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente e a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. A capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva a criança a desencadear a

procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida. “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 2001, p. 98).

A Geografia como disciplina de amplo estudo consegue aliar conhecimento científico e cotidiano. Para analisar o cotidiano pode-se partir da paisagem, sobre isso Cavalcanti (1998) diz que, numa outra perspectiva da Geografia na atualidade, de cunho dialético, a paisagem tem sido tomada como um primeiro foco de análise, como ponto de partida para a aproximação de seu objeto de estudo que é o espaço geográfico, contendo ao mesmo tempo uma dimensão objetiva e uma subjetiva.

Conclui-se que o Projeto de Intervenção Pedagógica cumpriu o objetivo principal de trabalhar o conceito geográfico paisagem. Em conversas com os alunos identificou-se que os mesmos compreenderam o que é a paisagem e como esse estudo é feito pela Geografia.

As atividades propostas foram um meio de aproximação entre os estagiários e os alunos, ambos contribuíram para a formação acadêmica. Principalmente as palavras cruzadas, desenvolvidas na 1ª aula, tiveram grande participação e foram importantes para uma aproximação inicial com os alunos, através das respostas percebeu-se que o conteúdo foi compreendido de forma satisfatória.

E que a Geografia busca atualmente, pois é preciso está atento ao bairro em que a escola se encontra e também saber que existem outras realidades com diversos problemas em vários lugares, contudo nada está dissociado é possível fazer uma relação, analisar e questionar criticamente o modelo desenvolvimento posto.

A partir de então, se constrói o conceito de categorias geográficas, tendo como exemplo a realidade em que o aluno está inserido. Além de construir o senso crítico para questões ambientais, e lançarem propostas para um mundo melhor, sempre relacionando ao resgate histórico do local em que vivem e identificar os possíveis elementos que contribuíram para as transformações naturais ou de segunda natureza que atualmente vivemos.

A disciplina escolar precisa ser ensinada de maneira ampla para abranger os olhares da Geografia, com o intuito de os alunos construir seus próprios conceitos. Por isso, é necessário saber qual a base formativa do aluno, para aperfeiçoar tal ideia e a tornar científica deve ter um ponto de orientação, o que os alunos precisam saber e quais conceitos devem desenvolver baseando – se em conteúdos que melhor se enquadram na realidade. Atualmente a Geografia escolar está longe da perspectiva crítica, dando esta incumbência à universidade, que não deixa de ser mais um controle do estado (PESSOA, 2007).

Um dos assuntos que vem sendo bastante discutido e aplicado por alguns professores que caminha nesta complexidade é a interdisciplinaridade. É preciso, entretanto, relacionar todas as disciplinas estudadas a um determinado tema, esse relacionamento é que é de fato a tarefa árdua da escola moderna, pois como, associar a Geografia a qualquer uma das ditas disciplinas “principais”, a saber, Língua Portuguesa e Matemática?

2.2 DESCRIÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL ENSINO FUNDAMENTAL MARIA ELOI LEITE

A instituição grupo escolar municipal Maria Elói Leite construída no município de Logradouro na administração de Luís Gonzaga Carvalho (1969-1973). A Escola recebeu o nome em homenagem a esposa de um morador ilustre do município Sr. Amélio Leite, sócio da Algodoeira e Sisal LTDA.

Com o passar dos anos e com a emancipação de Logradouro, a E. M. E. F. Maria Elói Leite, que antes pertencia ao município de Caiçara. Contava com um quadro de funcionários, bem restrito, duas salas, dois banheiros e uma cozinha, cantina, biblioteca. Os ambientes são bem arejados. A escola fica localizada na saída da cidade.

A escola foi ampliada em 2001 durante o governo de Humberto Alves, após ampliação um almoxarifado, 4 salas, sendo 2 com ar-condicionado, uma cisterna com capacidade para 9.000 l, pátio com espaços calçados e arborizado com área aproximada de 1.025,25m² 580,80m².

Em relação aos recursos didáticos a escola possui um aparato tecnológico razoável, contando com TV, DVD, computadores (uso de professores e secretaria), retroprojetores, data show, sala de informática com 06 computadores (uso do aluno), acesso à internet, impressora, sala de leitura e uma coleção razoável de livros, CDs e DVDs.

A escola começou com a alfabetização, hoje atende de 1º ao 9º ano 5ª ao 8ª EJA (Educação de Jovens e Adultos) 1ª e 2ª fase do fundamental, no qual temos 458 alunos que funciona de Segunda a sexta, em três turnos. Matutino 1º ao 5º ano 1ª fase do ensino fundamental, Vespertino 6º ao 9º ano 2ª fase do ensino fundamental, Noturno EJA/1ª a 4ª série 1ª fase do ensino fundamental, EJA/5ª a 8ª série 2ª fase do ensino fundamental, Alfabetização- Brasil alfabetização, Se liga.

O corpo docente é formado por: funcionário sendo: 1 Diretora, 1 vice-diretor 22 professores, 4 secretários, 18 auxiliares, 6 vigias, a escola funciona com desses seis series em turnos, manha, tarde, noite. Com totalidade de 458 alunos aos sábados funciona formação de professores de pedagogia em regime especial e Especialização em Educação Básica e Proletramento. De acordo com a nova gestão a escola possui: Formação Pedagógica:

Título: O quadro dos docentes que trabalham na E.M.E. F Maria Eloi Leite em Logradouro/PB

Nº DE FUNC	FUNÇÃO	FORMAÇÃO	TEMPO DE SERVIÇO
01	Gestora	Especialista em diversas áreas	17 anos
01	Gestor-adjunto	Graduada em Pedagogia e Especial. Educação Básica	15 anos
03	Professores	Graduados em diversas áreas	4 – 12 anos
06	Professores	Especialistas em diversas áreas	8 – 12 anos
12	Professores	Graduados Pedagogia ou Biologia, Pós Educa. Básica	4 – 12 anos
01	Professores		4 anos
Nº DE FUNC	FUNÇÃO	FORMAÇÃO	TEMPO DE SERVIÇO
01	Gestora	Especialista em diversas áreas	17 anos
01	Gestor-adjunto	Graduada em Pedagogia e Especial. Educação Básica	15 anos

Fonte: Pesquisa de Campo. Organizado por: Márcia Maria Bezerra 2014

A escola tem um dirigente escolar, atualmente e monitorada por uma equipe pedagógica formada por 1 (uma) gestora escolar e 4 coordenadores. O planejamento da escola acontece em forma de reuniões bimestrais, palestras, dinâmicas e elaboração do plano de aula, sendo assim um espaço para os professores discutirem conteúdos, estratégias, métodos de avaliação, objetivando erradicar a evasão escolar.

A escola possui um Projeto Político Pedagógico (PPP) criado e datado desde 29/04/2007 em parceria com os pais, mães e mestres visando o engajamento do corpo discente em diversas atividades como: Banda Marcial, jogos internos e grupos de danças, onde a escola fiscaliza a frequência e disciplina dos alunos participantes.

Ao corpo docente acontece a formação continuada que e traçados com metas objetivas e orientadas em conjunto com a instituição. A mesma serve de suporte para os programas do governo federal: Alfabetização solidaria, EJA e Brasil Alfabetizando e os Parâmetro Curriculares Nacionais (PCN's) aos professores de 1ª fase do ensino fundamental, e tendo assim acompanhamento pelos pais e família. A escola ainda participa dos eventos da cidade ativamente, seu calendário inclui Emancipação política no mês de abril, festas juninas, folclore, desfile cívico e as festas tradicionais da cidade.

O lazer da comunidade escolar é TV, DVD, a cidade tem um ginásio para eventos, festas particulares e prática de esportes, 1 quadra esportiva e outro ambiente a recreação das crianças que são as praças e vias publicas, onde andam de bicicletas, patins e brincadeiras de grupo. Em termo religiosos temos as igrejas Assembleia de Deus, Deus é Amor, Betesda e a Católica Apostólica Romana.

Em relação ao grau de instrução dos pais, a maioria possui o ensino fundamental incompleto, o número de analfabetos hoje dá espaço aos alfabetizados e letrados, embora haja muito que ser feito. Sobre a economia municipal, a agricultura e pecuária somam cerca de 60% da população ativa; 15% de funcionários públicos; 23% aposentados.

2.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

A formação do professor é um processo que perpassa de forma direta o tipo de profissional que ele será. Pode-se dizer que a formação de professores não se dá de forma linear de maneira como vem sendo trabalhado os conteúdos em sala de aula, não tem contribuído para o interesse dos alunos.

Em que a maioria dos professores utiliza práticas repetidas em anos de profissão várias matérias foram criadas para auxiliar os professores, mas, no entanto, há professores arraigados, numa concepção de ensino embasado nas linhas tradicionais não aceitam mudanças só então o que diz respeito ao ensino aprendizagem da disciplina de geografia caminha lentamente.

O ensino de Geografia tem se apresentado desvinculado a realidade dos alunos diante desse ensino de geografia tradicional em ocorrem um mundo totalmente fragmentado. Então tem que trabalhar de forma desvinculada a realidade e os conhecimentos que os alunos trazem para sala de aula. Nota-se que os professores não estão bem preparados para desempenharem tarefa que lhes cabem os quais refletem um caráter contraditório na educação, em que trabalham de forma linear e mecânica.

Apenas a minoria possui um forte senso de sua missão buscando fugir ironicamente na sua prática pedagógica em que muitas vezes traz consigo um resultado incerto e inesperado de suas estratégias. Daí decorre a necessidade de trazer a atenção com a formação do profissional de geografia resulta em inúmeras inadequações na sala de aula e nos métodos de ensino convencionais.

A reflexão entre a teoria e a prática no momento que o professor ensina o aluno aprende. A formação do professor se constitui no processo inesgotável no qual constrói e se reconstrói a cada dia em que realiza o trabalho reflexivo em uma reconstrução permanente de sua identidade pessoal e profissional.

A ciência geográfica também evoluiu e atualmente está mais preocupada com os temas voltados para as questões sociais e do meio natural, consequência do que a humanidade faz com a própria casa. E por isso, o conhecimento do professor também precisa inovar e se

especializar, um dos problemas vivido pela Geografia nos dias atuais diz respeito aos professores formados numa época completamente diferente e que não acompanharam o processo de mudança na atualidade.

O avanço da tecnologia e a utilização desta em sala de aula têm assustado estes profissionais que infelizmente acabaram sendo ultrapassados por um tempo em que as mensagens são instantâneas, as relações entre conhecimento e informação são cada vez mais estreitas e confundidas.

A Geografia é uma ciência que é sinônima de movimento e que busca desvendar as causas desse “movimento”. Triste saber que a antipatia que grande parte dos estudantes possui em relação à matéria é justamente por conta da má formação do professor, da falta de identificação do profissional com a carreira docente ou ainda por erroneamente julgar que a graduação por ser suficiente para garantir o domínio do ensino da geografia.

2.4 O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

O livro didático faz parte da cultura e da memória visual de muitas gerações e, ao longo de tantas transformações na sociedade, ele ainda possui uma função relevante para a criança, na missão de atuar como mediador na construção do conhecimento. O meio impresso exige atenção, intenção, pausa e concentração para refletir e compreender a mensagem, diferente do que acontecem com outras mídias como a televisão e o rádio, que não necessariamente obrigam o sujeito a parar.

Algumas pesquisas vêm sendo realizadas ao longo dos anos sobre o livro didático, sobre os seus mais variados aspectos tais como o pedagógico, o político, o econômico e o cultural. A preocupação em pesquisá-lo leva em conta o fato de que o material didático tem uma importância grande na formação do aluno pelo mero fato de ser, muitas vezes, o único livro com o qual a criança entrará em contato. Ele ainda é um dos instrumentos de aprendizagem mais utilizados e, em muitos casos, o único utilizado em sala de aula no ensino fundamental, quando infelizmente, não há o contato dos alunos com outros materiais e informações de outras fontes.

Contudo, o livro didático é considerado o "patinho feio" na sua categoria, sendo que se utiliza, em grande parte, de papel e impressão de baixa qualidade, pois sofre muito o impacto do custo das vendas. O livro didático pode ser definido, conforme Spray (1993, p. 77-78) como um produto cultural composto, híbrido, que se encontra no “cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção editorial e da sociedade”.

No universo escolar atual o livro didático coexiste com diversos outros instrumentos como quadros, mapas, enciclopédias, audiovisuais, softwares didáticos, CD-Rom, Internet, dentre outros, mas ainda assim continua ocupando um papel central. Sua origem está na cultura escolar, mesmo antes da invenção da imprensa no final do século XV.

Em 1966 foi realizado um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) que permitiu a criação da Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED). Esta comissão tinha como objetivo coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático, e pretendia distribuir gratuitamente 51 milhões de livros no período de três anos.

O atual Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) veio substituir o PLIDEF em 1985, com a edição do decreto nº 91.542, de 19/8/85. Ele instituiu alterações significativas, especialmente nos seguintes pontos (FNDE, 2008; CASSIANO, 2004):

- Garantia do critério de escolha do livro pelos professores;
- Reutilização do livro por outros alunos em anos posteriores, tendo como consequência a eliminação do livro descartável;
- Aperfeiçoamento das especificações técnicas para sua produção, visando maior durabilidade e possibilitando a implantação de bancos de livros didáticos;
- Extensão da oferta aos alunos de todas as séries do ensino fundamental das escolas públicas e comunitárias;
- Aquisição com recursos do governo federal, com o fim da participação financeira dos estados, com distribuição gratuita às escolas públicas.

O processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, como é aplicado hoje, foi iniciado em 1996 e passou por vários aperfeiçoamentos. Os professores de uma mesma disciplina precisam chegar a um consenso sobre a escolha do livro, pois a mesma obra valerá para toda a escola. Na escola campo a realidade sobre a aquisição, utilização e aplicação do livro didático não diferem muito de tantas outras escolas brasileiras. Geralmente as editoras apresentam seus modelos como sendo os melhores do mercado e prometem “milagres” com o livro.

Mas a realidade que se observa é outra completamente diferente da idealizada. O ensino de geografia no ensino fundamental esbarra em vários obstáculos, dentre eles, alguns que são ressaltados pela própria LDB que em seu artigo 32 quando dispõe sobre o ensino fundamental, privilegia o ensino de leitura, escrita e cálculo. (BRASIL, 2006).

Com essa definição da própria lei, os professores veem-se obrigados a seguir esse padrão deixando de lado ensino da geografia ou de qualquer outra disciplina que não seja leitura e cálculo. O livro didático em sua grande é pouco utilizado, seja por sua imensidão de conteúdos, seja pela determinação da LDB, o fato é que a geografia não consegue encontrar seu lugar no ensino fundamental e mais tarde no ensino médio também é pouco valorizada.

A escola campo não consegue atingir o volume mínimo de conhecimento repassado sobre a disciplina em estudo. Seja pelo tempo escasso, pelo privilégio de outras disciplinas, desinteresse do alunado, falha no preparo do plano de aulas, seja na ausência da ludicidade nas aulas tornando-as monótonas e desinteressantes.

O fato é que o ensino de Geografia tem atravessado grandes barreiras, ainda mais porque os cursos de licenciatura que deveria preparar o licenciando para escolher um bom livro didático, periódicos, como preparar um plano de aulas “descendente” onde o aluno possa viajar através da geografia e não que ele fique “tonto” com tantas voltas em torno de morros e sejam obrigados a “decorar” pontos cardeais, nomes de capitais, de montes e apontar os limites do país de forma mecânica, mas que sejam incentivados ao aprendizado de forma lúdica, naturalmente, não tem conseguido desempenhar de forma coerente seu papel, dessa forma o recém-licenciado sai da universidade “preparada para ser professora”, mas não para escolher o livro didático e enfrentar a realidade das escolas.

Os textos descritivos normalmente utilizados pelos livros didáticos também são outro entrave para o aprendizado. O excesso de conteúdo faz com que o aluno se desestimele por pensar que nunca acabará de ler este ou aquele capítulo. A mecanização da leitura tem dificultado até mesmo o ensino de língua portuguesa, que dirá de Geografia?

Outro fator desfavorável em relação ao livro didático é a desvirtuação da realidade do aluno, embora os livros sejam “escolhidos” pelos professores, há uma grande carência em relação à contextualização do conteúdo do livro com a realidade do aluno, seja em relação à inadequação da linguagem, seja em relação ao cotidiano do aluno.

De apoiador e coadjuvante no processo de ensino aprendizagem, o livro didático pode passar a representar uma forma de exclusão do aluno, tudo isso dependerá da escolha do referido, da linguagem e da contextualização nele aplicados.

Conteúdos mais enxutos, linguagem mais acessível, quebra de paradigmas de que a prática da leitura no ensino fundamental só é possível durante as aulas de língua portuguesa, portanto, a interdisciplinaridade seria uma saída plausível para as dificuldades no processo de ensino aprendizagem em geografia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste emaranhado de informações, opiniões e experiências vivenciadas *in lócus*, há de se reconhecer que este estudo não foi, e não é, e não será suficiente para satisfazer a todos os anseios que o tema exige. A escola campo objeto deste estudo apresentou ao longo dos anos certa evolução em seu sistema de ensino, ampliação de seu espaço físico, especialização de seu corpo docente, ampliação da oferta de vagas, renovação de seus recursos didáticos.

Contudo há de se entender que isto por si só não garante a boa qualidade do ensino, especialmente em geografia. O fato é que foi conseguido expor neste, as dificuldades vivenciadas no dia-a-dia de uma escola que tem buscado a excelência do ensino em um município inserido em um país onde educação nunca foi prioridade de nenhum governo.

Garantir o alcance dos objetivos propostos neste estudo não foi tarefa fácil, contudo, pode-se dizer que esta pesquisa foi vitoriosa no que concerne ao alcance de seus objetivos, uma vez que a investigação da interferência da formação do profissional no processo de ensino/aprendizagem bem como a avaliação do livro didático e da sua devida contribuição neste processo.

A compreensão dos interesses ou a falta destes nos educandos em relação à geografia e o entendimento sobre a geografia didática em um ambiente moderno, onde este seja dotado de alta tecnologia, todos estes foram alcançados, mesmo que não em seu todo, como já fora dito, este estudo é “pequeno demais para a complexidade do tema em estudo”.

Espera-se que através deste, muitos outros estudos seja realizada, provavelmente esta constitua a sua maior importância, não a de ser um divisor de águas, mas a de abrir caminhos para que novos temas e discussões sejam suscitados.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **O ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília – DF. 2006.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Caderno Cedes. Campinas: Unicamp, 2005, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005 <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise.

CASTROGIOVANNI, A.C. *et al* (org.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.

- Porto Alegre: AGB, Seção Porto Alegre, 1998. SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 92-108.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- CUNHA, Maria Isabel da. O bom professor para o aluno de hoje. in: - **O bom professor e sua prática**. São Paulo: papirus, 1989.
- GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de Professores: saberes, identidade e profissão**. Campinas: Papirus, 2001.
- LACOSTE, Yves. Uma disciplina simplória e enfadonha. In: **A geografia isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: papirus, 1997.
- MORAIS, Antonio Carlos Robert. **Pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MORAIS, Eliana Marta Barbosa de; OLIVEIRA, Karla Annyelly Teixeira. **Estágio supervisionado e práticas curriculares: os cursos de formação de professores de Geografia das Universidades Católica, Estadual e Federal de Goiás**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. *Et al* (Orgs). *Temas geográficos*. Goiânia: UFG/IESA, 2008.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2007.
- PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual**. Dissertação de Mestrado em Geografia. CCEN – UFPB, 2007.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.
- STRAFORINI, Rafael. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. *Terra Livre: Mudanças Globais*. São Paulo: AGB, 2002, vol.1, nº 18.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. 10 ed. Campinas: papirus, 1989.
- VESENTINI, José William. **Realidade e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil**. In: **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas-SP, 2004.